

## APRESENTAÇÃO

*Juliana ABONIZIO\**  
*Susana COSTA\*\**

A sociologia, enquanto uma ciência moral, dedicou-se a desvendar a relação entre indivíduo e sociedade, sendo basicamente um estudo das ações ou estruturas humanas. É inquestionável que os precursores da sociologia, ainda muito sob a influência do pensamento cartesiano (René Descartes, 1596-1650), tais como Auguste Comte (1798-1857), Émile Durkheim (1858-1917) e Max Weber (1864-1920) não se aperceberam da importância sociológica das restantes formas de vida. Esta abordagem antropocêntrica, em que humanos se relacionam apenas entre si e com as instituições que criaram, é, no entanto, artificial. Os primeiros fenômenos culturais relacionados com outras espécies remontam, pelo menos, ao Paleolítico Superior, altura em que surgem as primeiras manifestações mágico-religiosas que versam sobre espécies não-humanas e outros elementos naturais. O primeiro cão terá sido domesticado durante o Mesolítico e muitos dos animais domésticos com quem hoje convivemos (tanto de companhia quanto de produção) terão sido trazidos para a nossa esfera social durante o Neolítico. No entanto, tudo indica que o nosso relacionamento seja bastante anterior, quanto mais não seja porque fazemos todos parte do mesmo contínuo biológico.

Atualmente, assistimos a uma transformação de sensibilidades aliadas às descobertas científicas e mobilizações políticas que inseriram, de forma mais incisiva, outras espécies animais na esfera moral da sociedade. Neste contexto, desvendar as muitas formas da relação – e as estruturas que lhes formam e por elas são formadas – entre humanos e não humanos passa a ser interesse da investigação sociológica. Na falsa

---

\* UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso. ECCO – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea. Cuiabá – MT – Brasil. 78060-900 - abonizio.juliana@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-8361-7262>.

\*\* UC – Universidade de Coimbra. CIAS – Centro de Investigação em Antropologia e Saúde. Departamento de Ciências da Vida. Coimbra – Portugal. 3000-456 - susanagkosta@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-2766-0135>.

oposição entre humanidade e animalidade, a ciência moderna, com objetivo de dominar a natureza, tinha como princípio a supremacia humana, crença posta em xeque com o próprio desenvolvimento científico, em especial estudos neurocientíficos, a etologia cognitiva e a primatologia que, na década de 1960 e pela mão de Jane Goodall, abalou muitas das convicções da comunidade científica sobre o que é ser e saber-se humano. Com o aval científico, passou-se a discutir que características – outrora pensadas como exclusivamente humanas – podem ser encontradas em outras espécies. Hoje, a pergunta que mais nos inquieta é: afinal, o que é que nos distingue das restantes formas de vida? Muitas espécies de não-humanos – particularmente de primatas – vivem em sociedades hierarquicamente organizadas, estabelecem laços de amizade, alianças estratégicas, choram os seus mortos, brincam e comunicam de forma complexa entre si e com membros de outras espécies, para não mencionar a sua inquestionável capacidade para sentir emoções em tudo iguais às nossas.

Três aspectos da cultura contemporânea, a saber:

1- o fato de o desenvolvimento científico abalar as tênues fronteiras entre a humanidade e a animalidade;

2- os diversos movimentos sociais em prol da causa animal que criticam a supremacia conferida à espécie humana e que muito devem ao desenvolvimento científico mencionado no ponto anterior;

3- o afeto e a antropomorfização de algumas espécies vistos no crescimento da relação entre humanos e animais caracterizados como pet.

São contribuintes para a emergência de dois fatores: a concepção de que um animal é um indivíduo com valor intrínseco e não apenas um exemplar de uma espécie e a inserção dos demais não-humanos (ainda que de forma bem diferenciada) na esfera moral da sociedade. Esses dois fatores são estruturantes da sociologia e, por essa razão, trazem a necessidade de discussão sobre a relação interespecífica para a reflexão sociológica até porque ela poderá também trazer-nos luz sobre o modo como nos relacionamos com as minorias e outros grupos que vivem à margem. Pensar sociologicamente sobre como nos relacionamos com as restantes espécies ajuda-nos a entender os nossos hábitos de consumo, a nossa (in) tolerância para com os “outros”, a nossa capacidade de mobilização para causas que não as humanas, a nossa condição de seres movidos pelos afetos e o fato de que – aos olhos das sociedades humanas e de quem as compõe – não somos todos iguais. As nossas relações interespecíficas, de um ponto de vista sociológico, conferem-nos identidade e, não raramente, são também uma extensão da mesma.

Os não-humanos, em sua diversidade e enquanto membros da(s) nossa(s) sociedade(s) são tratados de diferentes formas – não raras vezes envoltas em

incongruências – e, este dossiê, apresenta tanto as relações afetivas quanto as relações de consumo, poder e problemas de políticas públicas que ainda são incipientes quando se pensa em contextos sociais interespecíficos, como todos os contextos sociais, de fato, o são.

Ao todo, temos nove textos inéditos, do qual participam 15 autores de renomadas Universidades Brasileiras e Estrangeiras, além de uma entrevista com James Serpell, professor de Ética e Bem-Estar Animal da Universidade da Pensilvânia e diretor do Centro de Interação entre Animais e Sociedade e uma resenha da coletânea *Framing Animals as Epidemic Villains – Histories of Non-Human Disease Vectors*, organizada por Christos Lynteris. O livro, resenhado pelo doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Breno Vilela, integra uma série de publicações intitulada “*Medicine and Biomedical Sciences in Modern History*”, idealizada pelo Professor John Pickstone (1944-2014), e tem como o objetivo a promoção da discussão entre as ciências biomédicas as estruturas econômicas, políticas e sociais. Trata-se de um estudo interdisciplinar para desvendar as conexões entre as áreas de conhecimento e os seus impactos na contemporaneidade.

A entrevista elaborada por Ivana Teixeira, pós-doutoranda no Departamento de Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre (Brasil), apresenta trajetória desse importante autor, aborda a questão da interdisciplinaridade inerente aos estudos das relações Humanos & Animais, a antropomorfização, a emergência do mercado pet, dentre outras questões.

A seção de artigos que compõem o dossiê é aberta com o texto, intitulado “Ele é meu filho”: sobre o significado das aves, escrito pela autora convidada Catarina Casanova, Investigadora no CIAS – Centro de Investigação em Antropologia e Saúde da Universidade de Coimbra. O artigo apresenta o papel de membro da família que aves podem ter, e têm, com seus tutores, ainda que essa relação seja mais comum entre tutores de cães e gatos. A pesquisa foi realizada na região de Lisboa com a utilização de uma metodologia variada que inclui questionários, entrevistas, observação e etnografia digital.

Márcia da Silva Mazon, coordenadora do NUSEC – Núcleo de Sociologia Econômica, professora da Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e do Departamento de Sociologia e Ciência Política na mesma Universidade, assina o segundo artigo intitulado *O melhor amigo do homem: afetos e cachorros no Brasil em perspectiva sociológica*, dando continuidade à relação de afeto entre animais humanos e algumas espécies eleitas, da qual se destaca o cão, o mais presente nos lares e o mais antropomorfizado por tutores e ao qual se dirige a maior parte de bens de consumo do mercado pet. A discussão parte de uma análise da Revista

Seleções - Readers Digest e traz à reflexão as representações sobre cães na América do Norte e na América do Sul.

Na sequência, Juliana Abonizio, docente da Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal do Mato Grosso, discute a relação entre animais humanos e não humanos e a posição que ocupam em uma sociedade de classe a partir da alimentação e forma corporal no texto que se chama *Animais, alimentação e classe social*.

Ainda falando sobre a relação entre animais costumeiramente considerados pets, mas que às vezes passam a ser considerados pragas, em *Partilhando uma vida de cão: políticas públicas e a Leishmaniose Visceral Canina*, Adriana Leal Abreu, doutoranda em Políticas Públicas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professora Assistente na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Jean Segata e Bernardo Lewgoy (professores e pesquisadores do Departamento de Antropologia e Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS) discutem as políticas públicas (e sua ausência) para a Leishmaniose Visceral Canina em Porto Alegre-RS, mostrando que há um silenciamento do sofrimento canino que só se torna importante e audível quando a doença ameaça vidas humanas.

O mesmo tema é abordado por Márcia Grisotti, coordenadora do Núcleo de Pesquisa: Ecologia Humana e Saúde, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina e Lucas de Carvalho de Amorim, estudante de Ciências Sociais da UFSC, no artigo *Entre o amor ao animal e a saúde pública: reflexões sociológicas sobre a leishmaniose visceral canina*. Neste texto, os autores discutem as controvérsias e conflitos que ocorrem entre as medidas sóciotécnicas adotadas pelos serviços de vigilância epidemiológica para o controle de doenças zoonóticas a partir de um estudo de caso das ações públicas de controle da leishmaniose visceral canina desenvolvidas em Florianópolis-SC entre 2010 e 2020.

O próximo artigo, de Susana Gonçalves da Costa (Doutorada em Psicologia pela Universidade de Stirling – Escócia, Reino Unido – e investigadora do Centro em Investigação em Antropologia e Saúde da Universidade de Coimbra, Portugal) em co-autoria com Catarina Casanova, aborda um episódio de incêndio que atingiu dois abrigos ilegais para animais de companhia em Santo Tirso (Portugal). Através de análise de conteúdo de publicações de Facebook relacionadas com o incidente de duas das maiores organizações portuguesas defensoras da causa animal, a autora reflete sobre a percepção do fato como um ato criminoso comparando com informações veiculadas pelos media que suspeitaram que se tratava de caso de acumulação de animais, um caso de distúrbio mental, muitas vezes ocultado pelo fato da percepção de abnegação ou caridade na recolha de animais vadios que nem sempre vivem em condições favoráveis

ao seu bem estar nesses abrigos.

O próximo artigo traz um tema diferente. Em vez de abordar os animais de companhia e todas as questões que os artigos anteriores levantaram, Ana Paula Perrota, docente do Programa de pós-graduação em Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e Políticas públicas da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, traz para discussão a bovinocultura no artigo intitulado O mercado do boi gordo: “modernizando” técnicas, gado e gente, no qual a autora discute como o abandono de práticas tradicionais e a adoção de técnicas modernizantes impactam as relações entre humanos, animais e meio ambiente.

De tema similar, mas abordagem diferente, Luciano Felix Florit (professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da FURB), Diego da Silva Grava (pesquisador do Grupo Interdisciplinar em Pesquisas Socioambientais da Universidade Regional de Blumenau (Grupo IPES-PPGDR-FURB) e Caetano Sordi (doutor pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul), no artigo Da morte artesanal à morte industrial: apropriações discursivas e naturalização do abate, discutem como em regiões desenvolvidas em torno de firmas voltadas à indústria da carne, o abate é naturalizado e os animais instrumentalizados. Como locus de pesquisa, foi escolhido a cidade de Concórdia-SC, sede da empresa Sadia (Brasil Foods), onde analisaram as transformações das relações sociopolíticas e econômicas causadas pela modernização e como a experiência dos colonos é apropriada pelo discurso da indústria minimizando os maus tratos dos animais chamados de corte.

Outra relação que pode ser de afeto, de exploração ou de consumo é trazida por Ana Paula Boscatti, socióloga com mestrado pela École des Hautes Études en Sciences Sociales e doutora em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Miriam Adelman, professora dos programas de Pós-Graduação em Sociologia (PGSOCIO) e Letras (PPGLET) da Universidade Federal do Paraná ao falarem do cavalo, animal fundamental na história moderna que pode significar poder e status e promover uma noção de branquitude, masculinidade e classe social. No entanto, as autoras demonstram que mulheres cavaleiras desafiam essas noções e ressignificam as relações humano-equino.

Este dossiê foi organizado por quatro cabeças. Além das autoras que assinam esta apresentação, Márcia Mazon e Ana Paula Perrota participaram ativamente de todo o processo. Isso se deu pois, quando vimos a abertura para submissão de dossiês, sem sabermos, enviamos propostas muito semelhantes de modo que a editora sugeriu que as uníssemos. Este fato é bastante revelador da emergência e urgência da temática das relações entre espécies para a Sociologia, em sua multiplicidade: ética, política, econômica, ambiental dentre outras tantas que seria impossível elencar a todas suas

dimensões. A prová-lo estão já cerca de três décadas de produção científica com origem nos Estados Unidos da América.